

A voz feminina na sociedade brasileira

Aldemiza Correia da Silvaⁱ 

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-Unilab, Redenção,
Ceará, Brasil

Artemiza Maria Correia da Silvaⁱⁱ 

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-Unilab, Redenção,
Ceará, Brasil

Joaquim Silva Pereiraⁱⁱⁱ 

~~Universidade Estadual de Ceará~~ Rede Municipal de Ocara,
Ceará, Brasil

1

Resumo

Considerando que a voz feminina não se fez ouvida no meio social, até então, por consequência do domínio patriarcal e religioso, este estudo tem como objetivo fomentar a discussão a respeito da voz feminina em diferentes esferas sociais, bem como no ambiente político, uma vez que é de suma importância a representatividade para que os grupos menos favorecidos possam expor suas necessidades e legitimar suas lutas. Sendo, pois, um trabalho de natureza qualitativa, trata-se de uma revisão bibliográfica, que trouxe como embasamento para a discussão teórica os autores Vedana (2022), Casanova (2022), Sousa (2000), Natansohn, Brunet e Paz (2011), Abrantes (2018) entre outros que corroboram as ideias aqui expostas. Como conclusão pode-se notar que apesar da evolução na liberdade de expressão feminina, principalmente com o advento da internet, necessita-se ainda de muito empenho e políticas sociais para desenvolver o empoderamento das meninas e o senso de igualdade dos meninos.

Palavras-chave: Comunicação. Divisão social. Voz feminina.

Formatado: Fonte: Negrito

The female voice in Brazilian society

Abstract

Considering that the female voice was not heard in the social environment, until then, as a result of the patriarchal and religious domain, this study aims to promote the discussion about the female voice in different social spheres, as well as in the political environment, since that representation is of paramount importance so that disadvantaged groups can expose their needs and legitimize their struggles. Being, therefore, a work of qualitative nature, it is a bibliographic review, which brought as a basis for the theoretical discussion the authors Vedana (2022), Casanova (2022), Sousa

Formatado: Normal, Recuo: À esquerda: 0,04 cm, Espaço Antes: 0,05 pt

Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2022.
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>
ISSN: 2675-9144

Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2022.
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>
ISSN: 2675-9144



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.

(2000), Natansohn, Brunet and Paz (2011), Abrantes (2018) among others that corroborate the ideas presented here. As a conclusion, it can be noted that despite the evolution in women's freedom of expression, especially with the advent of the internet, a lot of commitment and social policies are still needed to develop girls' empowerment and boys' sense of equality.

Keywords: Communication. Social division. Female voice.

1 Introdução

2

O presente artigo tem como objetivo fomentar a discussão a respeito da voz feminina, principalmente, no ambiente político, uma vez que é de suma importância a representatividade para que os grupos menos favorecidos possam expor suas necessidades e legitimar suas lutas.

O referente trabalho é uma revisão bibliográfica, de natureza qualitativa, uma vez que se volta para a qualidade de vida dos indivíduos envolvidos no processo, analisando a importância da oratória e da participação feminina nos diversos contextos sociais e como seus discursos chegam ao público.

Para embasar a discussão, construímos diálogos entre os autores Vedana (2022), Casanova (2022), Sousa (2000), Natansohn, Brunet e Paz (2011), Abrantes (2018) entre outros que corroboram as ideias aqui expostas.

Como conclusão pode-se notar que apesar da evolução na liberdade de expressão feminina, principalmente com o advento da internet, alguns preconceitos estão profundamente arraigados, necessitando da ajuda da educação formal, bem como de grupos sociais e organizações diversas para trabalhem o empoderamento das meninas e o senso de igualdade dos meninos.

Então, as novas questões giram a respeito de como a figura feminina está aparecendo no espaço das mídias digitais. Não é só uma questão de acesso, mas sim de ter voz e posicionamento protagonista, fazendo com que a luta feminista seja ouvida.

[Ensin em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2022](https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/)
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>
ISSN: 2675-9144

[Ensin em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2022](https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/)
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>
ISSN: 2675-9144



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.

Formatado: Normal, Recuo: À esquerda: 0,04 cm, Espaço Antes: 0,05 pt

2. Desenvolvimento

2.1. Comunicação, divisão social e poder

3 A comunicação mostra-se como uma necessidade inerente ao ser humano, sendo base para diversas atividades, independente da forma de comunicação, a interação com outros indivíduos se manifesta. Sendo a voz e, mais propriamente a palavra o meio de manifestação de maior sucesso da espécie. Foi pela voz, pela palavra que se oportunizou a relação humana, o contato entre as pessoas: as consequentes complexidades das inter-relações comunicacionais, discursivas, linguísticas e antropológico-culturais dessa nossa contemporaneidade têm suas raízes no pensamento grego e na visão da Língua enquanto instrumento de disputa e debate (JUNIOR, 2016. p. 250).

Ao compreender o poder da linguagem, o homem passa a usá-la para além da expressão de suas necessidades básicas, refinando-a para o convencimento e domínio em relação aos indivíduos de seu meio. Passando, pois, de solução para dificuldades diárias para importante arma de combate diplomático, ganhando entre os gregos importância e cuidados, como enfatiza Sousa (2000, p. 128) “os próprios soldados caídos na guerra eram logo honrados com solenes discursos fúnebres. Mas foi com o advento da democracia que esse interesse pela eloquência e oratória cresceu de uma maneira explosiva”.

Contudo, é importante que se note que a mesma ferramenta usada para solucionar, expressar, conquistar, juntar forças e dominar também é responsável por seus antônimos, causando conflitos, desentendimento e exclusão. Sendo esta última também uma extensão da organização de domínio, como deixa claro o autor em seu comentário “Compreende-se porquê: o povo - onde não se incluíam, nem as

[Ensin em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2022.](https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/)
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>
ISSN: 2675-9144

[Ensin em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2022.](https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/)
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>
ISSN: 2675-9144



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.

Formatado: Normal, Recuo: À esquerda: 0,04 cm, Espaço Antes: 0,05 pt

mulheres, nem os escravos, nem os forasteiros - passou a poder reunir-se em assembleia geral para tratar e decidir de todo o tipo de questões” Sousa (2000, p. 128).

Destarte, notamos que a palavra, a voz e a oratória era um instrumento de democracia, liberdade e expressão apenas para os homens com posses e originários do grupo em questão, evidenciando que o machismo e a falsa democracia são artefatos criados desde muito tempo e com intuito definido para atender aos interesses de indivíduos específicos. Como enfatiza Casanova (2022, p. 17), “Abre-te, Sésamo!': um enunciado que, para legislar sobre a ordem das coisas, bastava que fosse pronunciado, e se abria a montanha para o homem”.

Durante muitos séculos, a palavra escrita e leitura como conhecemos, eram privilégios de poucos, como clero e nobreza, cabendo à plebe a literatura popular oral. Na Idade Média, nos mosteiros e abadias medievais encontravam-se as únicas escolas e bibliotecas da época. A leitura tinha o caráter religioso, não tendo obrigação de ensinar a ler aqueles que não fossem seguir a vocação religiosa, assim, a igreja passou a monopolizar a censurar as obras que seriam transcritas.

Podemos perceber que o domínio da escrita e da leitura dividia a sociedade entre letrados e não letrados e, por conseguinte entre dominadores e dominados, visto que a leitura é meio de acesso as mais diversas e importantes informações. Uma vez que a educação formal era direcionada a um pequeno grupo, que também não incluía mulheres, o domínio da figura masculina e abastada reafirmava seu poder social sobre os demais.

Em meados do século XIX, o Brasil começou a receber nas suas principais cidades escolas com modelos europeus, que apesar de representar avanço para a educação feminina, segundo Farias e Medeiros Neta (2022, p. 4), “com a implantação do modelo tridentino ultramontano, a intenção do bispado

[Ensinopem Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2022.](https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/)
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>
ISSN: 2675-9144

[Ensinopem Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2022.](https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/)
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>
ISSN: 2675-9144



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.

Formatado: Normal, Recuo: À esquerda: 0,04 cm, Espaço Antes: 0,05 pt

brasileiro era fazer com que o povo se tornasse mais ligado à Santa Sé, devotos ao papa e conseqüentemente mais obedientes às suas orientações”.

Apesar da exclusão na oratória imposta por séculos, vivemos o período mais democrático da palavra no qual usuários digitais apropriam-se das ferramentas para manifestar suas perspectivas. De acordo com Abrantes *et al.*(2018, p. 4), a Comunicação pode contribuir com o desenvolvimento do protagonismo juvenil e os meios de comunicação analógicos ou digitais podem ser vistos como ferramentas de mobilização social, na expressão, planejamento, execução e registro de concepções dos jovens.

Os mesmos autores enfatizam ainda que o processo democrático contemporâneo se apresenta como um sistema teleológico, com as formas de exercício da cidadania definidas pela Constituição Federal. Já a internet, surge como um sistema emergente, ambiente democrático e descentralizado, com participação direta de todos os conectados e interessados em participar da política e sociedade em rede (ABRANTES *et al.* 2018, p. 4). Vivemos, portanto, a liberdade da oratória.

3. Resultados e Discussões

Socialmente seguimos um modelo masculino de organização que ao longo de sua constituição promoveu diversas formas de restrições contra as mulheres, sempre fundamentadas na concepção de fragilidade e sensibilidade femininas, que traziam implicadas questões de inferioridade e submissão (RUIZ *et. al*, 2021. p. 2).

Em estudo sobre Colégio de São José e as perspectivas da sociedade de 1800, Farias e Medeiros Neta (2022) nos informa que:

Embora a instituição reafirmasse os ideais de uma educação que ditava às mulheres que o seu lugar orbitava em torno do mundo da domesticidade. O Colégio de São José, a exemplo de outras escolas religiosas, permitiu que meninas e moças

[Ensin em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2022](https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/)
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>
ISSN: 2675-9144

[Ensin em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2022](https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/)
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>
ISSN: 2675-9144



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.

Formatado: Normal, Recuo: À esquerda: 0,04 cm, Espaço Antes: 0,05 pt

brasileiras, sobretudo as do interior, tivessem acesso ao mundo do conhecimento em detrimento de outras que, infelizmente, foram limitadas pela cultura de seus pais que não viam a educação de suas filhas como prioridade ou pela situação da educação pública do império que não conseguia chegar à toda população de forma eficiente (FARIAS; MEDEIROS NETO, 2022, p. 16).

Formatado: Fonte: 12 pt

Formatado: Espaçamento entre linhas: 1,5 linhas

Os autores deixam claro ainda que apesar do acesso à cultura, as mulheres eram preparadas para brilhar nos salões e agradar ao mercado matrimonial. Este tipo de educação destinado ao público feminino implica em que hoje, apesar das mulheres serem maioria, em números significantes no Brasil, ainda enfrentam dentre tantas dificuldades, a de colocação como empreendedoras no mercado de trabalho. Mesmo representando grande percentual, inclusive na agricultura, segundo Vedana *et. al* (2022, p. 23), é muito difícil para as mulheres realizarem, até mesmo, pequenos empreendimentos, pois não possuem bens para garantia dos credores, razão de boqueio do aumento da participação feminina nas mais diversas atividades econômicas, especialmente agrícolas.

Ao refletir de modo mais aprofundado sobre as diferentes formas de constringer e deslegitimar a presença feminina na esfera pública e no campo político, pudemos constatar que, para além de impedir o acesso da mulher à pena e ao papel e desprovê-la do direito à educação e, assim, do exercício pleno e efetivo da cidadania, calar sua voz exigiu da história ocidental um tipo de controle que extrapolou as barreiras do tempo, do espaço, dos saberes e das instituições: discursos e ações sociais que infamavam sua voz e enalteciam seu silêncio se encarregariam, por séculos, de tentar mantê-las na submissão da vida privada e lhes interditar a vida pública. (CASANOVA, 2022, p. 240).

Formatado: Fonte: 11 pt

Formatado: Fonte: 11 pt

Assim, percebemos que mais que o silêncio, foram impostas à figura feminina a submissão social e as impossibilidades de destaque no mercado de trabalho. Contudo, de acordo Figueredo e Rochal (2020, p. 6), “atualmente, no Brasil, há diferentes ações que promovem o empoderamento de meninas e

Formatado: Normal, Recuo: À esquerda: 0,04 cm, Espaço Antes: 0,05 pt

Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2022.
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>
ISSN: 2675-9144

Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2022.
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>
ISSN: 2675-9144



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

mulheres, bem como outras para ambos os sexos que trabalham com promoção de igualdade de gênero e sensibilização contra a desigualdade”. Importantes ações para a reparação de séculos de desigualdade.

Após pressões e manifestações feministas sobre essa temática propuseram a inserção de modo instituído da mulher na política nacional. Segundo Grossi e Miguel (2001):

Em 29 de setembro de 1995, foi aprovada a Lei n.º 9.100, que estabeleceu as normas para a realização das eleições municipais do ano seguinte, e determinou uma cota mínima de 20% para as mulheres. Em 1997, após esta primeira experiência eleitoral com cotas, a Lei n.º 9.504, estende a medida para os demais cargos eleitos por voto proporcional - Câmara dos Deputados, Assembleias Legislativas Estaduais e Câmara Distrital - e altera o texto do artigo, assegurando, no mais uma cota mínima para as mulheres, mas uma cota mínima de 30% e uma cota máxima de 70%, para qualquer um dos sexos. As duas leis foram aprovadas pelo Congresso Nacional. (GROSSI e MIGUEL, 2001, p.169).

Formatado: Fonte: 11 pt

Formatado: Fonte: 11 pt

Formatado: Espaçamento entre linhas: 1,5 linhas

Apesar de parecer um pequeno passo, a presença das mulheres na política é de suma importância, uma vez que a voz feminina precisa ser ouvida e representada por alguém que realmente conhece e vivencia suas dificuldades e sabe quais são seus objetivos em diversas esferas.

Casanova (2022, p.81), ao discorrer sobre os instrumentos para uma análise discursiva da voz e sobre discursos sobre a fala pública e a voz feminina, busca apontar através de processos discursivos que incutem sentidos pejorativos e de depreciação a determinados comportamentos que incidem sobre a competência oratória das candidatas, os possíveis estigmas que preexistem e circulam na sociedade brasileira em relação à fala pública e à fala feminina. Faz-se necessário compreender o motivo da voz masculina ser tão ouvida enquanto a feminina, menosprezada.

Formatado: Normal, Recuo: À esquerda: 0,04 cm, Espaço Antes: 0,05 pt

[EnsinO em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2022.](https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/)
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>
ISSN: 2675-9144

[EnsinO em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2022.](https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/)
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>
ISSN: 2675-9144



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.

Após análise dos discursos das candidatas à presidência e dos diversos pontos propostos, a autora conclui que não se trata, apenas, de estigmatizar e tentar silenciar a voz da mulher, mas também, e talvez sobretudo, a voz dos desvalidos de bens materiais e capital simbólico por quem ela fala e ao lado de quem luta, e que há muito não podem se expressar ou fazer ouvir: os corpos pobres, os corpos negros, os corpos nordestinos, os corpos nortistas, os corpos torturados (CASANOVA, 2022. p. 248).

Apesar dos avanços em relação à liberdade de expressão da mulher, nas últimas décadas, ainda há um longo caminho. Segundo Ruiz *et. al* (2021. p. 2), as lutas em favor dos seus direitos e à sua liberdade de expressão ainda precisam ser constantemente revisitadas e reafirmadas por conta do machismo e produção de discursos de líderes autoritários, que “autorizam”, a disseminação de imaginários cristalizados.

Em pleno século XXI, por intermédio do acesso à internet e das mídias digitais, imagina-se que a desigualdade de gênero em relação à oratória já não exista. No entanto, Natansohn, Brunet e Paz (2011, p.1) afirmam que a desigualdade tecnológica na era da informação ocorre por diversos fatores históricos, econômicos e políticos, e que as mulheres não partilham de igual a igual com os homens, no que se refere ao acesso à cultura digital, tendo inclusive a entrada como usuárias da Internet mais demorada que a dos homens.

As autoras mostram ainda que “por outra parte, os portais dirigidos à mulher repetem estereótipos sexistas tradicionais, que remetem a mulher ao lar, às compras, à beleza, à saúde e, sobretudo, ao consumo” (NATANSOHN; BRUNET; PAZ, 2011, p. 2). Ou seja, a relação não é muito diferente ao que acontece entre as mulheres e as mídias tradicionais, sendo sua imagem explorada para a pornografia, com viés muito mais explicitamente racista nas mídias digitais.

[Ensin em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2022](https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/)
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>
ISSN: 2675-9144

[Ensin em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2022](https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/)
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>
ISSN: 2675-9144



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.

Formatado: Normal, Recuo: À esquerda: 0,04 cm, Espaço Antes: 0,05 pt

Então, as novas questões se referem ao modo como a figura feminina está aparecendo no espaço das mídias digitais. Não é só uma questão de possibilidade de acesso, mas sim de ter voz e posicionamento protagonista respeitados, fazendo com que a luta feminista seja ouvida, compreendida e validada.

Acreditamos que as soluções mais significativas para as mazelas sociais passam pela ação da Educação e pelo meio das Ciências Humanas. [No entanto, em estudos realizados sobre os motivos de evasão das meninas em projetos de inclusão social por meio do esporte, os autores confirmam que a hierarquização de gêneros está presente em aulas de Educação Física \(VIANA et al, 2022, p. 5\).](#)

[As atividades com caráter predominantemente masculino parecem não contribuir para a adesão feminina e resultarem evasão, abreviando o período de permanência nas atividades do PIS. Essa experiência de curto prazo pode comprometer os benefícios psicológicos, tais como a percepção de competência motora, cognitiva e global \(BRAUNER; VALENTINI; SOUZA, 2017\) e a resiliência \(BHAN et al., 2020; CORTÉS NETO et al., 2020\), que são decorrentes da prática da atividade por maior período de tempo- \(VIANA et al, 2022, p. 13\).](#)

[O estudo nos faz refletir sobre formação e práticas pedagógicas, sobre a igualdade de gêneros, bem como as diversidades em geral, e que alguns temas deixarão de ser temas polêmicos quando nossos aprendentes não perceberem a comparação com uma figura feminina como ofensa e quando nossas aprendentes se considerarem capazes de assumirem qualquer cargo e realizarem qualquer missão sem precisarem explicar suas capacidades.](#)

4 Considerações finais

[Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2022](#)
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>
ISSN: 2675-9144

[Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2022.](#)
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>
ISSN: 2675-9144



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Formatado: Normal, Recuo: À esquerda: 0,04 cm, Espaço Antes: 0,05 pt

Mediante a análise das discussões e das colocações supracitadas, notamos que a voz feminina não se fez ouvida no meio social, até então, por consequência do domínio longo patriarcal e religioso, estruturado com bases machistas.

Considerando-se que quem não tem voz não tem vez, a figura feminina não só foi excluída da prática da oratória, mas, conseqüentemente, de todas as esferas de poder e representatividade, inclusive, dificultando suas possibilidades no mercado de trabalho.

Desta forma se faz necessário, ainda na contemporaneidade, que a educação formal, bem como grupos sociais e organizações diversas trabalhem no âmbito da criação de pertencimento e empoderamento das meninas e de consciência e igualdade de gêneros para os meninos.

Percebemos que a sociedade ainda recebe com diferente importância os discursos, principalmente políticos, a depender do gênero que os produz, sendo a voz feminina desprezada.

E por fim, nota-se que apesar do ambiente das mídias digitais ter dado espaço para todos os públicos e diferentes manifestações, alguns grupos continuam sofrendo exclusão, seja por falta de acesso ou por seguirem sendo estereotipados também no mundo virtual. Sendo algumas agressões ainda mais violentas, estigmas ainda mais aprofundados e vozes ainda mais desdenhadas, por um conjunto de comportamentos já banalizado e normatizado pela cultura machista.

A Educação formal é uma das principais ferramentas para amenizar as distâncias sociais, mas também carece de atenção em relação a formação e práticas pedagógicas inclusivas de fato.

Referências

ABRANTES; Maria Gracielly Lacerda de; MORAIS, Ariosto Afonso de; CAVALCANTE; Marlon Tardelly Moraes; VIANA, Lucas Henrique. **A Comunicação como Estratégia Democrática do Protagonismo Juvenil** - editorarealize.com.br,

Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2022
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>
ISSN: 2675-9144

Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2022.
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>
ISSN: 2675-9144



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.

Formatado: Normal, Recuo: À esquerda: 0,04 cm, Espaço Antes: 0,05 pt

2019. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_S A2_ID52_16092019075255.pdf. Acesso em: 20 maio 2022.

CASANOVA, Nicolle De Brito Conceição. **Carisma e Poder: A Fala e a Voz Femininas em Contexto Político Eleitoral Brasileiro**. 2022. ~~Defesa de~~ Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos. Centro de Educação e Ciências Humanas Programa de Pós-Graduação em Linguística. 2022. ~~repositorio.ufscar.br~~ Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/15730/TeseNicollecasanova_p% c3%b3sdefesa_1803.pdf?sequence=4&isAllowed=y. Acesso em: 22 maio 2022.

FARIAS, Genilson de Azevedo; MEDEIROS NETA, Olívia Morais de. O Colégio de São José: a educação feminina católica no nordeste oitocentista. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 4, e47235, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v4.7235>. Acesso em: 09 out. 2022.

FIGUEREDO, Sandriane Proença; ROCHAL; Jefferson Marçal da. Perspectivas para o empoderamento da mulher através da releitura de clássicos infantis para séries iniciais do ensino fundamental. Universidade Federal de Santa Maria. **Revista Monografias Ambientais**, v. 19, ed. esp., e2, 2020. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.5902/2236130843392>. ISSN: 2236-1308 <https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/43392/html>. Acesso em: 22 maio 2022.

GROSSI, Miriam Pillar; MIGUEL, Sônia Malheiros. Transformando a Diferença: As Mulheres na Política. **Estudos Feministas**. 2º Semestre, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/D3mtYCb7yv3yQkKqgkv4Xrn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 maio 2022.

JÚNIOR, Renato Marcelo Resgala. **Retórica e Oratória: apontamentos em torno da comunicação e da linguagem**. Disponível em: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/66/62>. Acesso em: 19 maio 2022.

NATANSOHN, Graciela; BRUNET, Karla Schuch; PAZ, Mônica Dantas. Mulheres na Cultura Digital: perspectivas e desafios. Universidade Federal da Bahia, BA. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Maceió – AL – 15 a 17 de junho 2011. Disponível em: <http://gigaufba.net/wp->

[Ensin em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2022](https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/)
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>
ISSN: 2675-9144

[Ensin em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2022.](https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/)
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>
ISSN: 2675-9144



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Formatado: Fonte: Não Negrito

Formatado: Fonte: Não Negrito

Formatado: Fonte: Negrito

Formatado: Normal, Recuo: À esquerda: 0,04 cm, Espaço Antes: 0,05 pt

content/uploads/2014/09/IntercomNE_NatansohnBrunetPaz.pdf. Acesso em: 23 maio 2022.

RUIZ, Marco Antonio Almeida; ARAÚJO, Lígia Mara Boin Menosside; GARCIA, Luciana Carmona. O Humor em (Dis)Curso: Efeitos do Feminismo nas Mídias Digitais. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, v.63, p. 1-14, e021018, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8662018/26904>. Acesso em: 22 maio 2022.

Formatado: Fonte: Não Negrito

Formatado: Fonte: Negrito

12 SOUSA, Américo de. **A persuasão Estratégias para uma comunicação influente.** (tese de mestrado em Ciências da Comunicação) Universidade da Beira Interior Março/2000. Disponível em: ~~Extraído de~~ <http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-americopersuasao-0.html>. Acesso em: 20 maio 2022.

VEDANA, R., SHIKIDA, P. F. A., GARCIAS, M. O., & ARENDS-KUENNING, M. P. (2023). Empoderamento feminino na agricultura: um estudo na Cooperativa Agroindustrial (Paraná). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, 61(2), 2023. Disponível em: ~~e237944~~. <https://doi.org/10.1590/1806-9479-2021-237944><https://www.scielo.br/j/resr/a/JCC8tzkrswMZfhqQKLmDyZr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 maio 2022.

Formatado: Fonte: Não Negrito

VIANNA, Jose Antonio; ARRUDA, Ulhiana Maria de Medeiros; ARAÚJO, Paulo Coelho. **Motivos para a evasão das meninas em Projetos de Inclusão Social por meio do esporte.** **Educ. Form.**, Fortaleza, v.7, e7189, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/7189>. Acesso em: 09 out. 2022.

Formatado: Fonte: Negrito

¹Aldemiza Correia da Silva, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0516-0719>

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-Unilab; Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis. Universidade Estadual do Ceará-UECE. Faculdade ÚNICA.

Mestranda em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis-MASTS pela Unilab. Especialista em Docência do Ensino Superior pela ÚNICA. Licenciada em Letras pela UECE. Atualmente bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico-FUNCAP.

Autora deste artigo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3120048965286651>

E-mail: aldemizacorreia2020@yahoo.com

² Artemiza Maria Correia da Silva, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-63843513>

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-Unilab; Faculdade ÚNICA. Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.

Formatado: Normal, Recuo: À esquerda: 0,04 cm, Espaço Antes: 0,05 pt

Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2022

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>

ISSN: 2675-9144

Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2022.

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>

ISSN: 2675-9144



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Especialista em História e Cultura ~~Afrobrasileira~~~~Afro-brasileira~~; Técnicas de Comunicação e Oratória. Licenciada em Ciências da Natureza pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-Uva e Graduada pela Universidade Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-Unilab. Contribuiu no desenvolvimento da escrita do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6270272148738407>

E-mail: correriaartemiza@gmail.com

Formatado: Tabulações: 1,25 cm, À esquerda + 1,39 cm, À esquerda + 1,5 cm, À esquerda

Formatado: Hyperlink, Fonte: Português (Brasil)

ⁱⁱⁱ **Joaquim Silva Pereira**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7328-978x>

~~Universidade Estadual do Ceará-UECE; Universidade Estadual Vale do Acaraú-Uva; Faculdade Latino-Americana de Educação - FLATED; Rede municipal de Ocara~~

Especialista em Gestão Escolar pela UVA/CE (2012); Graduado em Ciências Biológicas pela UECE (2012); Graduado em Pedagogia pela FLATED (2006); Cursando enfermagem pela UNIASSELVI. Professor Efetivo da Educação Básica do Município de Ocara - CE. Contribuiu com a pesquisa e escrita do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4924790757204743>

E-mail: joaquimsilpper@gmail.com

Formatado: Hyperlink, Fonte: Português (Brasil)

Formatado: Hyperlink, Cor da fonte: Automática, Padrão: Transparente

Formatado: Hyperlink, Fonte:

Formatado: Hyperlink, Fonte: Português (Brasil)

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

SILVA, Aldemiza Correia da; SILVA, Artemiza Maria Correia da; PEREIRA, Joaquim Silva. A voz feminina na sociedade brasileira. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022.

Formatado: Normal, Recuo: À esquerda: 0,04 cm, Espaço Antes: 0,05 pt

[Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2022](#)

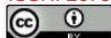
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>

[ISSN: 2675-9144](#)

[Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2022.](#)

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>

[ISSN: 2675-9144](#)



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](#) Atribuição 4.0 Internacional.